



Classica - Revista Brasileira de Estudos
Clássicos

ISSN: 0103-4316

revistaclassica@classica.org.br

Sociedade Brasileira de Estudos
Clássicos
Brasil

DE OLIVEIRA SILVA, MARIA APARECIDA
Plutarco e a Segunda Sofística

Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos, vol. 19, núm. 2, 2006, pp. 257-264

Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos
Belo Horizonte, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=601770884007>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

re^{dalyc}.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Plutarco e a Segunda Sofística

MARIA APARECIDA DE OLIVEIRA SILVA

Universidade de São Paulo
Brasil

RESUMO. É recorrente a definição de que o fenômeno cultural conhecido como a Segunda Sofística, do qual Plutarco faria parte, teria como principal característica literária o uso da arte retórica, preocupada apenas em exaltar a grandiosidade do império romano. A nosso ver, a Segunda Sofística foi antes um movimento literário voltado para o estilo e a forma dos escritos, e não um movimento ideológico. Para analisar a narrativa plutarquiana empregamos a teoria foucaultiana sobre a resistência cultural, a fim de demonstrar o uso de um importante instrumento de transmissão de idéias contrárias à política romana: a escrita.

PALAVRAS-CHAVE. Plutarco; Segunda Sofística; ditos; História Romana; Trajano.

Um dos primeiros problemas emergente ao historiador do período imperial romano diz respeito à veracidade das narrativas literárias produzidas nesta época. As análises das fontes oscilaram entre a total credibilidade conferida pela historiografia cientificista do final do século XIX e a completa desconfiança de parte dos historiadores contemporâneos. Os primeiros pretendiam que os textos da tradição greco-romana continham relatos capazes de reconstituir os acontecimentos históricos com precisão, enquanto os hodiernos questionam as intenções das fontes, atribuindo a elas uma grande dependência dos recursos distribuídos pelo império, o que resultaria não somente em escritos comprometidos com a política imperial, mas em prerrogativas para os autores.

O problema abrigado nas conclusões desses historiadores é a tentativa de harmonização das relações entre os aristocratas gregos e romanos. O conflito se encerra quando um lado domina e o outro se deixa dominar, a história perde-se na apatia, desmerecendo as transformações produzidas pela resis-

E-mail: madsilva@usp.br

Artigo recebido em 24/10/2005; aceito para publicação em 02/06/2006.

Doutoranda em História Social pelo Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Bolsista da FAPESP. Texto apresentado no XII Congresso da FIEC, Ouro Preto, 23 a 28 de agosto de 2004.

tência. Havia uma aristocracia reafirmando sua identidade grega através de práticas, hábitos e costumes típicos, dando origem a uma comunidade grega. Como observou Nippel¹, colocar os gregos em posição privilegiada no Império Romano, diferenciá-los dos orientais e dos selvagens é reproduzir o pensamento dos historiadores do século XIX preocupados com a “cultura científica nacional” que precisa ainda ser revista e analisada continuamente.

Trataremos nesta comunicação de analisar um tratado escrito por Plutarco intitulado *Ditos de reis e gerais* (*Apophthgmata basileon kai strategon*) com o escopo de demonstrar que há, em seus escritos, espaço para a manifestação da resistência grega à política imperial romana e, não a subserviência atribuída aos que participaram do movimento literário conhecido como a Segunda Sofística². Uma vez estabelecida a relação de dominante-dominado, ela impede que a fonte diga tudo, ocorrendo o que Foucault denominou de processo de *exclusão* e de *interdição* daquilo que não pode ser dito³. Assim, a linguagem empregada na narrativa plutarquiana atuaria como mediadora necessária entre o indivíduo e a sua realidade sócio-política e sendo assim, poderia ser considerada como parte da retórica da dominação, bem como da retórica do oprimido como forma de resistência.

Dos tratados morais conhecidos pelo nosso tempo, *Ditos de reis e gerais* (Plut. *Mor.* 172B-208A) permaneceu no esquecimento daqueles que escrevem a história dos antigos. Em parte, esse desinteresse ocorre em virtude de os ditos aparecerem nas *Vidas Paralelas*, conforme Plutarco registrou (172E): ‘Lá (nas *Vidas*), as ações e as palavras foram colocadas juntas, aguardando o prazer de uma leitura tranqüila’.⁴

Então é pertinente indagar sobre os motivos que levaram Plutarco a compor e a oferecer a Trajano, imperador de Roma entre 97 e 117 d.C., uma simples coletânea de dizeres de reis e gerais. De acordo com a dedicatória escrita por Plutarco, com seu presente, ele pretendia ser útil ao imperador (172C): ‘Ofereço a ti insignificantes presentes e sinais de amizade⁵ com simples primícias trazidas da filosofia, eu suplico a ti receber junto com minhas boas intenções, a utilidade destes pensamentos.’

¹ W. NIPPEL, ‘La costruzione dell’“altro”’, in S. SETTIS (org.), *I Greci: storia, cultura, arte e società*, Torino, Einaudi, 1996, p. 196.

² G. ANDERSON, *The Second Sophistic: a cultural phenomenon in the Roman Empire*, London and New York, Routledge, 1993, p. 45.

³ M. FOUCAULT, *A ordem do discurso*, São Paulo, Loyola, 2000, p. 9.

⁴ Tradução feita pela autora com base no original grego estabelecido na obra traduzida por FRANK COLE BABBIT, *Moralia III*, London and Cambridge, Willian Heinemann and Harvard University Press, 1961.

⁵ Em grego, a palavra utilizada é *xênia*, que significa assuntos pertencentes à amizade e à hospitalidade, de onde pode-se inferir que Plutarco vislumbrava a harmonia entre as partes e ao mesmo tempo recebia o imperador com amizade e hospitalidade.

Sem especificar a utilidade de seu presente, Plutarco dissimula seu objetivo principal, que era o de reivindicar alterações na política romana aplicada nos territórios conquistados. A situação de dominado vivenciada por Plutarco não lhe permitia a escrita de um texto abertamente contrário às ações imperiais. Estabelecida a interdição de seus pensamentos, Plutarco manifesta suas desaprovações à política imperial romana por intermédio de palavras, previamente selecionadas, de reis e generais. Tal artifício conferia autoridade aos ditos ao mesmo tempo em que legitimava o discurso contido na fala de terceiros e colocava seu ponto de vista, por esse motivo, em outro trecho de sua dedicatória, Plutarco procura persuadir o imperador a ler a sua obra mediante os seguintes argumentos (172E): ‘Aqui, penso que suas palavras, colecionadas em separado, são amostras também fundamentais de aspectos da vida que não lhe tomarão tempo e poderás rever, com brevidade, os homens de valor para a memória.’

Nessa passagem, Plutarco atenua suas reclamações políticas, silenciando o sentido⁶ de seu discurso de resistência, considerando que no ato da seleção das máximas dos reis e generais, Plutarco reproduzia seus pensamentos ao imperador. No entanto, embora Trajano fosse o monarca supremo, Plutarco empregou o seu micro-poder, adquirido através das relações estabelecidas com a elite romana, para manifestar sua visão política ao imperador. Dessa maneira, Plutarco exercia seu micro-poder como parte de um poder maior cuja funcionalidade dependia de estratégias, como apontou Foucault, que englobassem essas micro-relações de poder⁷, como pode ser visto nesse dito do literato e político ateniense Demétrio de Falera (189D):

Demétrio de Falera aconselhou o rei Ptolomeu a adquirir e a ler livros sobre assuntos régios e de comando, pois sobre o que os amigos dos reis não têm coragem de adverti-los, eles colocam nos livros.

Assim, sem olhar para as proporções da região conquistada, o dominador deveria acatar as diferenças de seu povo para não despertar no conquistado o seu instinto de preservação, que era maior do que sua força aparente, conforme percebemos no ocorrido com o general espartano, Brásidas, conhecido por sua força e valentia (190B):

Brásidas, nos figos secos, pegou um rato e tendo sido mordido por ele, soltou-o. Em seguida para os presentes disse: “Nada é assim tão pequeno que não possa salvar-se, tendo coragem afasta-se dos que nele põem a mão”.

⁶ E.P. ORLANDI, *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*, Campinas, UNICAMP, 1997, p. 15-51.

⁷ M. FOUCAULT, *Microfísica do poder*, Rio de Janeiro, Graal, 1979, p. 249.

Por intermédio de Péricles, Plutarco reflete sua visão de como o imperador deveria pensar as decisões políticas, ponderando os interesses dos diferentes povos que governava (186C): ‘Péricles, quando estava para ser eleito estratega, vestido da clâmide, diante de si dizia: “Tenha em mente, Péricles, de que está para governar homens livres, helenos e também atenienses”’.

Conforme o Catálogo de Lâmprias, os ditos dos romanos pertencem ao apêndice da obra dedicada ao imperador Trajano. Neles há 172 máximas romanas que narram as conquistas romanas desde o século III a.C. até a época de Augusto. A considerar Jones, que atribuiu à política imperial de assimilação dos intelectuais gregos, oriundos de famílias nobres e abastadas, o lugar ocupado por Plutarco na sociedade romana⁸, ou Cizek, que viu nos escritos plutarquianos pensamentos conformados à política expansionista de Trajano⁹, poderíamos a primeira vista, considera os ditos dos romanos uma ode à pujança do império, bem como um estímulo à política expansionista do imperador próprio da Segunda Sofística. Pelo contrário, percebemos que Plutarco principia os ditos romanos com Manio Curio, cônsul em 290 a.C., que derrotou Pirro, rei de Épiro, com este dito (194E):

Manio Curio, tendo partilhado as terras conquistadas, fora acusado de dividi-las em lotes pequenos para que a maior parte da terra tornar-se pública, em resposta, disse, com convicção, que não havia nenhum romano que considerasse pouca a terra que os alimentava.

A opção plutarquiana de iniciar os ditos romanos com esse episódio de Manio Curio revela sua visão sobre a questão agrária em Roma. De acordo com a fonte, desde muito, ainda no século III a.C., os romanos haviam obtido terra suficiente para abastecer sua população. No nosso entender, Plutarco atenua sua crítica a expansão militar romana, destacando a auto-suficiência romana no provimento de víveres para o seu povo, desse modo, a fonte emite a conclusão de que a expansão militar ocorrida após a época de Manio Curio não pretendia atender às necessidades básicas de sua população, mas a obtenção de prestígio, através de uma expedição militar. Igualmente em presença desse pensamento, Plutarco escolheu o dito subsequente (196B): ‘Cipião¹⁰, o velho, quando tinha tempo livre, distante dos assuntos militares e políticos, ocupava-o com literatura. Costumava dizer que quando tinha tempo livre, trabalhava muito.’

⁸ C.P. JONES, *Plutarch and Rome*, Oxford, Oxford University Press, 1972, p. 32-8.

⁹ E. CIZEK, *L'époque de Trajan: circonstances politiques et problèmes idéologiques*, Bucaresti et Paris, Editura Stiintifica si Enciclopedica et Les Belles Lettres, 1982, p. 43-4.

¹⁰ Cipião, o presbítero; trata-se de Cipião, o Africano, cônsul no primeiro ano da Segunda Guerra Púnica (218-202 a.C.), cuja biografia composta por Plutarco nos é desconhecida.

Na descrição desse hábito de Cipião, Plutarco parece abrigar o interesse de despertar o imperador para a arte literária, como se a guerra e os assuntos políticos que a envolvem não representassem a principal preocupação de um governante. As guerras traziam, como vimos, no dito sobre Licurgo, o aperfeiçoamento militar do inimigo e ainda, nesse fato vivido por Tito Quincio Flaminio, que derrotou Filipe da Macedônia na batalha de Cinoscéfalos na Tessália, em 197, e no ano seguinte proclamou a liberdade grega nos jogos Ístmicos (197B):

Tendo vencido a guerra contra Filipe, (Flaminio) proclamou nos jogos Ístmicos que deixava os helenos livres e com leis próprias. Quanto aos romanos prisioneiros da época de Aníbal e escravizados por senhores helenos, alguns helenos os compraram por quinhentas dracmas e deram-lhe de presente. Então, com esses romanos, que vestiam gorros conforme a tradição daqueles que foram recém-libertos, desfilou triunfalmente na procissão em Roma.

Vemos, nesse acontecimento, a existência de romanos que foram escravizados durante a Segunda Guerra Púnica, portanto, outra consequência das guerras seria o aprisionamento de uma parcela de seu povo. Ainda, nessa passagem, há a demonstração plutarquiana de que os gregos retribuem a altura dos benefícios concedidos pelo império. Plutarco suscita a idéia de harmonia entre as partes, sob a condição de haver entre elas o livre arbítrio, nesse sentido, o efeito de sentido criado por Plutarco abriga uma crítica às leis imperiais de caráter intervencionista.

Plutarco faz a passagem do período de concórdia exibida por Flaminio para a época das guerras civis romanas, demonstrando como as excessivas guerras despertaram a ambição de homens sem estirpe cujo objetivo era o de atingir o poder político em Roma, conforme observamos nessa passagem com Mario (202A-B):

Gaio Mario era de origem sem glória e promoveu-se na política graças às expedições militares e, também por causa delas, anunciou-se como candidato ao edilato maior. Contudo, percebendo que não conseguiria o cargo, candidatou-se ao edilato menor e novamente, sem obter sucesso, mesmo assim não abandonava a intenção de ser o primeiro dentre os romanos.

Época de muito sangue, guerras e traições como pode ser visto nos ditos de César, por exemplo neste dito em que o ditador ironiza a amizade de Bruto e Cássio (206F):

Antônio e Dolabela, tendo sido olhados com suspeitas por alguns, contaram a César que foram vigiados, mas César respondeu que não temia os

artesãos e os comerciantes gordos e lustrosos¹¹, mas os magros e pálidos, apontando para Bruto e Cássio.

Nesse trecho, Plutarco demonstra que o imperador deveria preocupar-se com a traição daqueles que o cercava e não com os trabalhadores manuais ou com os comerciantes do império. Plutarco manifesta-se etnocêntrico ao referir-se a atividades típicas dos gregos, tornando patente que seu discurso de resistência destina-se ao espaço para reivindicações dos gregos.

Nos ditos de Augusto, identificamos a mudança na conduta bélica dos romanos cuja semelhança remete a época de Flaminino na qual os territórios conquistados, em particular, os pertencentes aos gregos como Atenas e Alexandria, foram tratados com deferência. Ao selecionar esses ditos, Plutarco mostra o seu contentamento com a política agregadora desses romanos, assim como reafirma a importância da concórdia entre gregos e romanos, como observamos no seguinte dito (207 A-B):

Os alexandrinos, depois de tomada a cidade pelos romanos, aguardavam persuadidos que males terríveis sofreriam. Augusto César subiu a tribuna e colocou-se ao lado de Areio de Alexandria, dizendo que pouparia os cidadãos, primeiro por causa da grandiosidade e da beleza da cidade, depois por causa dela ter sido fundada por Alexandre e, em terceiro lugar, por causa de Areio, seu amigo.

Como percebemos, nesse acontecimento, a consonância nas relações entre gregos e romanos promovida por Augusto representa um sinal da retomada da ordem social romana visto que ao empregar parte de seu tempo em questões diplomáticas, o imperador reduzia o espaço para as expedições militares. Outro motivo para a instabilidade social romana pode ser atentada no cumprimento da lei, como demonstra o seguinte dito (207 D-E):

Augusto César instituiu uma lei sobre o adultério, definindo como julgar os cônjuges e punir os réus condenados. Passado algum tempo, Augusto César golpeava com as mãos um jovem que havia ultrajado sua filha, Júlia, enquanto apanhava, o jovem gritara: “Ó César, estabeleceste uma lei!” Apercebendo-se do fato, César Augusto, arrependido, durante todo aquele dia recusou alimento.

Ressaltamos que Augusto, sobrinho-neto de Júlio César, estudou em Atenas, fomentou a produção artística e literária, chegando a escrever uma autobiografia e outras obras pequenas. Com isso, ao selecionar esse dito,

¹¹ Lustrosos, porque os gregos tinham o hábito de passar óleo na pele.

Plutarco procura convencer o imperador Trajano de que seria preciso conhecer a produção literária para administrar um império com sabedoria.

Os ditos dos romanos encerram-se com Augusto expressando o seu pensar a Pisão¹² (208A): ‘Enquanto Pisão construía cuidadosamente sua casa da edificação até o telhado, (Augusto) disse: “Faço-me alegre em vê-lo construindo esta casa, é como se Roma fosse eterna”.’

Ao por termo nos ditos dos romanos com esse episódio, Plutarco procura alertar o imperador sobre a finitude dos grandes impérios, pois apoiado na história universal dos antigos, Plutarco apresenta a Trajano as antigas maiores potências militares do mundo mediterrânico, como os persas, macedônios e gregos. Com isso, Plutarco pretendia demonstrar que todos os impérios ruirão um dia, revelando sua concepção biológica da história. Tal visão explica os paralelos elaborados entre os homens e os impérios na composição desse tratado. Quando o império encontra-se na juventude, isto é, no auge, ele produz filhos, leia-se cidadãos, saudáveis e em sua fase senil, ele perde suas defesas naturais e, sem gerar cidadãos úteis ao seu sistema político, é acometido por diversos males até morrer. Nesse sentido, o imperador deveria atuar como um sábio, conhecedor de várias artes, para prescrever o remédio correto para retardar o processo, já que uma vez nascido, o fim era inevitável.

Ao longo deste artigo, pretendemos demonstrar que Plutarco é uma fonte importante para a compreensão das relações entre gregos e romanos não somente pela sua formação grega, mas também pelo seu convívio com a cultura romana. Ao contrário do afirmado pelos estudiosos da Segunda Sofística, que postulam pela dependência ideológica dos escritos produzidos no período imperial romano, os ditos plutarquianos reproduzem o pensamento de um dominado cujo acesso ao modo de vida do dominante viabilizava-se pelo micro-poder exercido no Império através do poder que adquirira em Queronéia. A articulação do poder exercido por Plutarco em sua região com o reflexo dele na política romana é determinante na solidificação de suas relações com o Império e tal relação permitia a sobrevivência de ambos.

¹² Lúcio Calpúrnio Pisão, pontífice e cônsul em 15 a.C., era amigo do imperador. Tinha fama de ser um homem justo e dedicado ao trabalho.

TITLE. *Plutarch and Second Sophistic*.

ABSTRACT. Plutarch belonged to a cultural phenomenon known as the Second Sophistic, a movement that uses rhetorical art as its main literary characteristic especially concerned in exalting the magnificence of the Roman Empire. In our view, the Second Sophistic is a literary movement turned on the form and the style of writing rather than an ideological movement. Our analysis upon Plutarch's narrative is based on Foucault's theory of cultural resistance; we intend to demonstrate that writing was an important instrument to transmit ideas against Roman politics.

KEYWORDS. Plutarch; Second Sophistic; Roman History; sayings; Trajan.